

Cadernos  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 21 | nº 351 | vol. 21 | 2023

**A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia**

Simon Pirani

Cadernos  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 21 | nº 351 | vol. 21 | 2023

**A transição dos combustíveis  
fósseis, a crise energética na  
Europa e a guerra na Ucrânia**

**Simon Pirani**

Escritor, historiador e professor honorário na Escola de Línguas  
Modernas e Culturas da Durham University - Reino Unido

Tradução: Isaque Gomes Correa



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

### Cadernos IHU ideias

Ano XXI – Nº 351 – V. 21 – 2023

ISSN 2448-0304 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

**Conselho científico:** Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

**Projeto Gráfico:** Ricardo de Jesus Machado

**Responsável técnico:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Imagem da capa:** PxHere

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Tradução:** Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

**N**a **Parte 1** deste artigo, comento sobre a “crise energética” e sugiro alguns princípios em torno dos quais poderemos reunir amplas parcelas da sociedade e pressionar por um distanciamento do uso de combustíveis fósseis. São sugestões práticas. Na **Parte 2**, apresento minha visão sobre a relação entre a crise climática e a guerra da Rússia na Ucrânia, dado que para mim estes dois eventos chocantes não podem ser entendidos em separado. O texto se baseia em uma palestra que proferi em 4 de julho no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Agradeço a meus amigos por terem me convidado.

Simon Pirani

# A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia

Simon Pirani

Escritor, historiador e professor honorário na Escola de Línguas Modernas e Culturas da Durham University - Reino Unido

## PARTE I. A “CRISE ENERGÉTICA” E A TRANSIÇÃO

O efeito combinado das sanções ocidentais, das “sanções autoimpostas” da Rússia e da volatilidade do mercado em 2022 produziu um aumento acentuado nos preços do gás e do petróleo. Havia o temor de que a escassez no fornecimento de gás para a Europa resultasse em algum racionamento no inverno, mas isto não se concretizou, embora os mesmos problemas poderão se repetir no próximo inverno. No longo prazo, as potências ocidentais afirmaram sua determinação em reduzir a dependência do fornecimento do

petróleo e do gás russos. A maioria das empresas petrolíferas ocidentais, mas não todas, disseram que venderiam ou encerrariam suas operações de produção de petróleo na Rússia.



Protesto em Londres, abril de 2023. Foto de Extinction Rebellion Lincolnshire.

Políticos e executivos de empresas apresentaram suas ideias ao público como uma “crise energética”. E, embora a disrupção nos mercados do petróleo e gás seja real o suficiente, a “crise” é também, em certos aspectos, uma miragem que serve ao poder empresarial. Precisamos questionar este modo de olharmos as coisas, por, no mínimo, quatro motivos.

Primeiro. Os efeitos mais graves da guerra não se reduzem à questão energética, mas – à parte da destruição horrenda da Ucrânia em si – (a) ao custo humano para milhões de pessoas que saíram do país como refugiados e (b) ao impacto nos mercados de alimentos no norte da África especificamente, devido às restrições contra as exportações russas e ucranianas de produtos agrícolas.

Segundo. O aumento nos preços de varejo do gás e da eletricidade para as famílias, em particular na Europa, resultou de decisões tomadas por grandes empresas de energia, trabalhando em mercados liberalizados, e de decisões de governos que regulam tais mercados. A influência da guerra foi apenas indireta. Alguns governos decidiram proteger a população destes impactos, e isso poderia ser adotado por todas as administrações públicas.

Terceiro. Empresas de energia lucraram com estes eventos, na casa das centenas de bilhões de dólares. Em 2022, as cinco maiores empresas petrolíferas ocidentais sozinhas lucraram US\$ 134 bilhões. Mas há muito mais. Uma pesquisa recente sobre os estados exportadores de petróleo do Golfo estimou que seus superávits em conta corrente para 2022 somam mais de US\$ 600 bilhões; estes governos se perguntam literalmente o que fazer com todo este dinheiro.

Quarto, e o mais relevante para a crise climática: todas as alegações a respeito da “crise energética” supõem que exista um nível fixo de demanda por eletricidade e combustível, e que este deve ser suprido a qualquer custo. Quicá este é o engano mais perigoso de todos.

Consideremos a escassez mais aguda como um resultado da guerra, do gás para a Europa. Institutos de pesquisa alemães produziram, em 2022, relatórios detalhados que mostram como o investimento em isolamento de edifícios e em bombas de calor (para reduzir a quantidade de gás usado no aquecimento), por exemplo o investimento em eletricidade renovável e alterações nos processos industriais intensivos em gás, podem reduzir a demanda de gás.

Dentro de dois ou três anos, sustentam os autores, as economias poderão se igualar ao volume do gás russo importado para a Alemanha. Esta era uma grande oportunidade de introduzir políticas radicais e para se afastar da dependência do combustível fóssil – políticas que de todo modo estão muitos anos atrasadas, por causa da necessidade de evitar mudanças climáticas perigosas.

As potências ocidentais, longe de acolher a oportunidade, escolheram, pelo contrário, dobrar seu compromisso com os combustíveis fósseis e investir em fornecimento de petróleo e gás de fontes não russas. Com isso, até outubro de 2022 as empresas europeias encomendaram novos terminais e equipamentos suficientes para importar gás natural liquefeito suficiente para mais do que substituir todas as importações de gás russo. Os EUA, que exportam gás natural liquefeito, aprovaram instalações portuárias suficientes para dobrar sua capacidade exportadora.

Os governos também cinicamente usaram a chamada “crise energética” para aprovar vultuosos investimentos em novos campos de petróleo, tais como o campo de Willow, no Alaska (EUA), e o campo de Rosebank, no Mar do Norte (Reino Unido). Campos de petróleo levam anos para serem desenvolvidos e, portanto, estes novos campos não estarão aptos a produzir petróleo dentro de cinco – ou, mais provavelmente, dez – anos. Logo, eles não terão impacto algum na escassez que venha a ser causada pela guerra. Eles irão, entretanto, contribuir para o problema do aquecimento global, num momento em que a Agência Internacional de Energia, a ONU e cientistas do clima advertem que não deveriam ser autorizados novos campos de petró-



leo.

Estas decisões nos falam das reais intenções dos governos que alegam estar lidando com a crise climática. Eles pretendem continuar queimando combustíveis fósseis muito depois do ponto onde deveriam parar, se quisessem evitar o aquecimento global perigoso. Estamos diante de uma perspectiva assustadora, e precisamos encontrar formas de resistência.

A meu ver, podemos melhor compreender esta criminalidade coletiva dos governos considerando a relação entre as causas da emergência climática e as causas da guerra, que eu abordo na Parte 2 deste artigo.

Nas décadas de 1990 e 2000, o impulso predominante do capitalismo de expandir-se a todo custo moldou a maneira como as potências ocidentais acolheram Putin e sua equipe como os guardiões da ordem que poderiam supervisionar a integração da Rússia com os mercados globais; restringir o nacionalismo imperialista desta equipe era a última coisa em que pensavam. É o mesmo impulso que as levou ao fracasso, de um modo catastrófico, em encontrar alguma estratégia para implementar uma redução no uso de combustível fóssil, necessidade que foi reconhecida no tratado da Rio 92.

### *COMO AS SOCIEDADES PODEM PROMOVER A TRANSIÇÃO DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS*

O processo das negociações climáticas internacionais não apenas fracassou em desacelerar o aumento implacável no consumo de combustível fóssil e na emissão de gases do efeito estufa. Ele também tem sido usado como uma ferramenta ideológica, para pro-

duzir um discurso, para convencer a sociedade de que os países estão lidando com o problema. Nos últimos anos, os perigos do aquecimento global se tornaram mais evidentes para milhões de pessoas, por causa das mudanças alarmantes nas condições climáticas. E muitas centenas de milhares – talvez de milhões – de jovens vêm manifestando profundas preocupações em torno das mudanças no clima sob a forma de greves escolares e outras ações. Isso tudo tem tencionado o discurso. A distância entre as palavras e as ações é simplesmente muito grande.

Assim, por um lado vemos as negociações sendo travadas de uma forma ainda mais aberta pelas companhias de petróleo, com o presidente das negociações deste ano nos Emirados Árabes Unidos, o sultão al-Jaber (presidente da empresa petroleira estatal do citado país), resistindo a todo e qualquer debate sobre a redução na queima de combustíveis fósseis, e falando, pelo contrário, das tecnologias de captura de carbono, que não podem resolver o problema.

Por outro lado, vemos cada vez mais ataques abertos contra empresas do setor petrolífero feitos por importantes figuras associadas ao processo – porque, apesar de serem políticos, eles são também seres humanos e sabem que uma fraude está sendo perpetrada. António Guterres, secretário-geral da Organização das Nações Unidas – ONU, atacou a proposta de al-Jaber como um meio de as empresas de petróleo tornarem-se “destruidores planetários mais eficientes”.

Dou estes exemplos não porque acho que Guterres pode nos mostrar o caminho a seguir, mas porque creio que os discursos sobre as negociações internacionais estão desmoronando. O secretário-geral tem fracassa-

do nas tentativas de alcançar o seu propósito ideológico. A meu ver, o processo de negociações e os governos que participam dele são o próprio problema, e não a solução. A solução precisa ser encontrada pela sociedade, em oposição a estes governos. Trata-se de uma afirmação bastante geral, e nenhuma ação ou política irá funcionar. Este problema está conosco há muitos anos e continuará assim por muitos anos ainda.

O sinal mais esperançoso é que existe a chance de formarmos uma ampla coalizão, acolhendo os jovens que mencionei, o movimento trabalhista, grandes parcelas da sociedade civil e cientistas do clima, muitos dos quais têm passado noites em claro há anos preocupados com as mudanças climáticas, mas que até agora se sentiam isolados, pois os apelos que fizeram aos políticos foram ignorados.

Eu diria que uma tal coalizão pode se basear em alguns princípios-chave. Sete destes princípios eu sugiro a seguir:

1) Exigir que os governos adotem orçamentos de carbono, e não meta de “emissões líquidas zero”.

“Emissões zero” é um conceito científico perfeitamente válido. É a ideia de que precisamos alcançar um estado no qual o volume de gases do efeito estufa lançado na atmosfera, menos o volume extraído, por exemplo, pelas florestas, é zero. No entanto, este conceito vem sendo empregado de modo impróprio pelas companhias de petróleo e seus amigos, que têm pressionado politicamente os cientistas a incluírem projeções completamente irrealistas de remoção artificial dos gases do efeito estufa em seus cenários. Em essência, a tensão entre Guterres e al-Jaber se resume

a esta questão. Os orçamentos de carbono evitam estes problemas, ao afirmar a quantidade de emissões à qual a economia de cada país deve se limitar, a fim de garantir que uma mudança climática perigosa seja evitada – e ao assumir a remoção artificial zero dos gases do efeito estufa.

2) Estes orçamentos de carbono devem ser trabalhados a partir dos princípios de equidade entre o sul e norte global.

Historicamente responsáveis pela maior parte das emissões de gases do efeito estufa, os países ricos devem não só fazer os maiores e mais rápidos cortes no uso de combustíveis fósseis, mas também prever seus impactos, que já estão sendo sentidos no sul global, denominados “perdas e ganhos”.

3) A sociedade deve cancelar, usando todos os meios necessários, novos projetos na área do petróleo e gás, bem como infraestruturas intensivas em combustível fóssil tais como estradas e aeroportos.

4) A base do fornecimento futuro de energia deve ser a eletricidade produzida a partir de fontes renováveis. Deveremos trabalhar no sentido de que esta energia seja fornecida como um direito, como um serviço – não como uma *commodity* – por entidades públicas.

Embora grandes parques solares e eólicos farão, com certeza, parte do sistema futuro, as fontes descentralizadas controladas diretamente pelas comunidades, pelos municípios, devem ser usadas na medida em que forem tecnologicamente possíveis.

5) Devemos desafiar sistematicamente as declarações das grandes corporações segundo as quais corre-

ções técnicas – a produção em larga escala de hidrogênio, ou a substituição de carros convencionais por carros elétricos, por exemplo – são o principal meio de resolver a crise climática.

6) O “crescimento verde” é uma ficção, e a ideia de que um “crescimento verde” cria empregos – a melhor coisa que os trabalhadores podem esperar – é uma ficção também. Contra isso precisamos de políticas econômicas que sustentam uma transição tanto para longe dos combustíveis fósseis quanto em direção ao trabalho criativo e significativo.

7) Devem ser priorizadas políticas de redução da taxa de transferência dos combustíveis fósseis, melhorando, ao mesmo tempo, os serviços fornecidos.

O isolamento das residências para reduzir ou evitar a necessidade de aquecimento artificial, junto de bombas elétricas de aquecimento, é um exemplo. Um outro exemplo é o desenvolvimento de sistemas urbanos de transporte que substituem, com o transporte e com mudanças no projeto urbanístico, o uso de carros particulares nas cidades. É claro que muitas pessoas e organizações estão combatendo estas questões. O que quero salientar é como elas podem se unir em um movimento forte o suficiente para confrontar os governos.

Por fim, eu não sei como estes propósitos podem ser alcançados. Posso, no entanto, esboçar alguns pontos gerais a respeito.

Em primeiro lugar, é importante não fingirmos que no fim tudo ficará bem, e nem promover um falso otimismo. Milhões de pessoas já tiveram suas vidas arruinadas por eventos meteorológicos, e outros milhões irão sofrer, aconteça o que acontecer. Ao mesmo tem-

po, não devemos perder a esperança. Em termos históricos, o processo de transição dos combustíveis fósseis precisa ocorrer em uma escala muito breve de tempo – duas ou três décadas –, mas pode ser feito.

Em segundo lugar, a desobediência civil desempenhará um papel cada vez maior neste movimento. Temos visto isso no Reino Unido e na Europa, e temos visto também um policiamento cada vez mais autoritário contra tais protestos. Este conflito irá se intensificar.

Em terceiro lugar, devemos enfocar nos muitos modos nos quais as políticas podem simultaneamente se distanciar dos combustíveis fósseis, e também devemos mudar para melhor a forma como vivemos. Enfrentar as mudanças climáticas e viver uma vida melhor não são contraditórios: são uma e a mesma coisa. Se não colocarmos esta ideia no centro das ações que realizamos, jamais mobilizaremos a sociedade em torno da questão.

## PARTE II. COMO AS RAÍZES DA GUERRA E AS RAÍZES DA CRISE CLIMÁTICA ESTÃO INTERLIGADAS

A guerra na Ucrânia é uma guerra de agressão unilateral, na maior parte travada em território ucraniano voltada à população ucraniana, tanto quanto contra o exército e o estado ucranianos. O objetivo da guerra da Rússia é subjugar a Ucrânia, país que foi, por séculos, a maior colônia russa.

A atitude que tenho para com esta guerra se baseia no princípio de que as vítimas de um ataque imperialista têm o direito de resistir. Quando contribuo com os fundos levantados por amigos ucranianos meus para a aquisição de equipamentos aos soldados, ou para

equipes jurídicas que defendem os russos detidos em protestos contrários à guerra, espero estar sendo coerente com o apoio que tentei dar à resistência vietnamita contra a agressão dos Estados Unidos na década de 1970 ou à resistência palestina ao *apartheid* israelense. Politicamente, vejo a Ucrânia sob a mesma perspectiva. A diferença óbvia é que, enquanto os vietnamitas e os palestinos enfrentavam o país mais imperialista e poderoso do mundo, e/ou seus estados parceiros, os ucranianos estão sendo aterrorizados por uma potência imperialista em declínio, uma potência que, em sua relação com o capital global, é economicamente subordinada.

Uma das justificativas apresentadas pelo Kremlin na presente guerra é a do temor de que a aliança militar da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN cresça na região. Embora este pensamento obviamente não se justifique como desculpa política para o assassinato e a tortura de civis ucranianos, a meu ver o argumento também falha como explicação da relação da Rússia com as potências ocidentais.

Para entender esta relação, vale começarmos o debate a partir do rompimento da União Soviética 32 anos atrás, depois que, pela primeira vez, a Ucrânia e outras ex-repúblicas soviéticas tornaram-se totalmente independentes da Rússia.

A Rússia, a Ucrânia e outros ex-estados soviéticos foram rapidamente integrados aos mercados mundiais e, no começo da década de 1990, viveram a pior crise em tempos de paz de todos os tempos. A Rússia era então, assim como hoje, um dos principais exportadores de petróleo, gás e metais. O capital ocidental buscou não se apropriar destes ativos, mas transformar a Rús-

sia em um fornecedor de matérias-primas aos mercados internacionais.

Na década de 1990, as potências ocidentais temiam que o estado russo pudesse colapsar. Quando Vladimir Putin sucedeu a Boris Yeltsin como presidente em 2000, estas potências o acolheram como um líder que poderia fazer o estado funcionar com eficiência de novo. O primeiro ato de Putin foi esmagar as forças separatistas na república sulista da Chechênia. Elas haviam derrotado o exército russo em 1996 e tinham alcançado certa autonomia. Putin ordenou que o exército atacasse a Chechênia, usando táticas de terra arrasada contra a população civil, táticas empregadas hoje na Ucrânia. As potências ocidentais apoiaram por completo esta ação como parte da chamada “guerra contra o terror” que elas próprias se viam travando no Afeganistão e no Iraque.

Em seguida, Putin se voltou aos chamados “oligarcas”, empresários politicamente poderosos que tinham tomado o controle das empresas de petróleo, gás e metais. Ele os fez pagar certos impostos e os advertiu para que ficassem fora da política. Alguns ativos, em particular aqueles que compõem a petroleira Rosneft, foram retomados à propriedade do estado; o controle de tais ativos foi entregue a ex-colegas de Putin que atuavam nos centros de segurança.





*O campo de petróleo e gás Rosebank no Mar do Norte, Reino Unido.*

Durante os primeiros dois mandatos de Putin, de 2000 a 2008, os preços do petróleo aumentaram constantemente e a economia russa cresceu. A queda no padrão de vida da população ocorrida na década de 1990 foi revertida. O capital russo floresceu, não porque desenvolveu plantas industriais e tecnológicas, mas graças aos enormes ganhos recebidos das exportações de petróleo, gás e metais. Em grande parte, as receitas destas exportações foram reexportadas; os grandes problemas que preocupavam os economistas russos eram a “fuga de capitais” e a chamada “maldição dos recursos”.

Politicamente, as potências ocidentais viam Putin como um *gendarme*<sup>1</sup> para proteger os interesses do capital no ex-espaço soviético. A Rússia foi acolhida no chamado “G7+1” das potências capitalistas mais fortes

<sup>1</sup> Militar cuja função é velar pela ordem e segurança pública. (Nota do tradutor)

do mundo. Foi neste momento que a OTAN se expandiu para o leste europeu: sete países do leste da Europa foram admitidos em 2004. Houve inclusive debates na época sobre a Rússia se juntar à OTAN, embora as discussões não tenham chegado a lugar algum.

Entretanto, as potências ocidentais ficaram felizes por Putin exercer o poder no ex-espço soviético como ele bem entendesse. Por exemplo, seus líderes fecharam os olhos à invasão da Geórgia em 2008. A crise mundial financeira e econômica de 2008-2009 constituiu um importante ponto de inflexão. O capital russo foi abalado. Os padrões de vida no ex-espço soviético estagnaram-se e começaram a cair novamente. Houve grandes protestos na Rússia em 2011-2012, manifestações que o regime de Putin lutou para controlar.

Esta instabilidade culminou com o chamado levante de Maidan, na Ucrânia em 2013-2014, a derrubada do presidente Yanukovich, com o aparecimento de forças separatistas no leste ucraniano, com a intervenção militar da Rússia em apoio a elas e com a anexação da Crimeia pela Rússia. A esta altura, as potências ocidentais intervieram para disciplinar o seu *gendarme*. Foram impostas sanções contra a Rússia, porém elas se mostraram limitadas. Estas medidas não dissuadiram a Rússia de intervir na Síria em 2015-2016, em apoio à guerra do regime de Assad contra a própria população. Estes eventos mostraram que, embora as potências ocidentais fingissem que não havia “esferas de influência” para os exércitos imperiais concorrentes, na realidade estas existiam.

Só em fevereiro de 2022, como resultado da invasão em grande escala da Rússia à Ucrânia, é que as potências ocidentais abandonam a política de cooperação

limitada com o governo russo. Na sequência, explicarei por que considero que estas dinâmicas, que nos levaram à guerra na Ucrânia, estão relacionadas com a dinâmica que nos têm levado à crise climática.

Um tratado internacional sobre as mudanças climáticas foi assinado no Rio de Janeiro, em 1992. Antes disso, na década de 1980, cientistas do clima tinham chegado a um consenso a respeito dos perigos do efeito estufa e a respeito do fato de que as atividades econômicas humanas – principalmente a queima de combustíveis fósseis – eram sua causa principal. O ano de 1992 marcou o ponto no qual as evidências estavam tão fortes que o tratado acabou aceito pelos governos do mundo inteiro.

Este documento previa medidas para que ações fossem tomadas visando prevenir o aquecimento global perigoso, mas nada foi feito. Os EUA e outras potências resistiram ao princípio de que os países deveriam adotar objetivos vinculantes para que reduzissem suas emissões. Um mito foi inventado, de que os mecanismos de mercado poderiam ser usados para produzir as mudanças necessárias, embora o único mecanismo desse tipo, que poderia ter algum efeito – um imposto mundial de carbono –, foi rejeitado. Este mito foi a base para o Protocolo de Kyoto, de 1997, que previa a chamada o comércio das emissões.

O resultado foi que as emissões de gases do efeito estufa a partir da queima de combustível fóssil aumentaram a cada ano desde 1992, exceto por breves pausas em 2009 devido à crise econômica e em 2020, devido à pandemia de covid-19. Hoje, o volume dos gases do efeito estufa que entram na atmosfera anualmente está mais de 60% maior do que era em 1992.

Estamos diante de um fracasso desastroso cometido pelos governos mais poderosos do mundo, fracasso pelo qual a sociedade como um todo pagará um preço altíssimo. Talvez possamos compará-lo ao fracasso das potências europeias de impedir a Primeira Guerra Mundial, em 1914. Podemos olhar para década de 1990 e para o começo dos anos 2000, e perceber o contexto político deste fracasso. A União Soviética havia colapsado, reforçando as ilusões do capital a respeito de seu próprio poder. A globalização potencializou-se pela tecnologia eletrônica e pela expansão de zonas financeiras *offshore*. O neoliberalismo esteve no seu apogeu, travando guerras contra as regulamentações e contra a direção keynesiana das políticas econômicas.

Neste mundo, as políticas climáticas precisaram ser subvertidas pela negação da ciência climática. E a Rússia tinha importância principalmente como uma fonte de petróleo, gás e carvão, o que, por volta de 2008, o país lançava aos mercados mundiais em quantidade recordes. Putin era visto como um garantidor destes fluxos. A tensão política com ele era vista pelas potências ocidentais como um preço válido a ser pago. Este cálculo só mudou em fevereiro de 2022. A força motriz subjacente a estes processos foram a acumulação de capital e a necessidade de uma expansão econômica constante que caracteriza o capitalismo neste estágio de seu desenvolvimento.

### A CRISE DO PETROESTADO RUSSO

Se aceitarmos que o estado russo sob o comando de Putin é uma criatura do capital, um *gendarme* que fugiu do controle, então poderemos compreender melhor suas ações. Abaixo, teço dois breves comentários

a este respeito.

Primeiro, uma função central do estado russo, como em todos os estados, é o controle social. Se pensarmos sobre como estava o mundo, a partir do Kremlin, nos anos que conduziram à invasão da Ucrânia, um tal controle era em grande parte necessário. Além do levante de Maidan, em 2014 na Ucrânia, houve, em 2020, uma enorme revolta nacional contra a manipulação das eleições em Belarus; em 2020 e 2021 houve uma onda de protestos na própria Rússia; e, em janeiro de 2022, houve disputas trabalhistas e protestos nas ruas que abalaram o governo do Cazaquistão.

Parece que a decisão de Putin, de invadir a Ucrânia, foi engatilhada por seu fracasso em fazer o presidente Zelensky recuar em questões de soberania ucraniana. No entanto, estes movimentos sociais lhe foram também de grande preocupação e fizeram parte do contexto histórico de sua decisão de invadir.

O segundo comentário é que, em tempos de crise, os estados são levados pelo caminho do autoritarismo, da promoção de ideologias nacionalistas, xenófobas, quase fascistas e fascistas, além de um militarismo imperialista. Essas são ferramentas políticas e ideológicas de controle social, e são empregadas para mobilizar parcelas da população por trás do regime, ou pelo menos para garantir sua aquiescência. No governo Putin, estas ferramentas vêm sendo usadas cada vez mais. E como o militarismo imperialista se moveu para o centro político, vimos um uso de formações militares quase estatais. O grupo Wagner é o maior, mas de forma alguma é o único. Esta abordagem culminou na rebelião armada mês passado [junho de 2023] e aprofundou a instabilidade do regime.

O emprego ferramentas ideológicas perpassa as funções da administração econômica efetuadas pelo estado. Na última década, o governo de Putin sacrificou repetidas vezes a gestão eficiente da economia capitalista em prol desta política e ideologia. A indústria do petróleo, maior fonte de receitas de exportação, não foi, em geral, afetada. Mas a indústria do gás foi. Durante décadas este setor fez parte central da relação comercial entre a União Soviética – e depois a Rússia – com a Alemanha e outros países europeus. Agora esta relação foi rompida.

Da década de 1990 a 2021, houve conflitos constantes em torno do gás entre a Rússia e a Ucrânia, sobre os termos a partir dos quais a Ucrânia compraria gás e sobre seu transporte para a Europa. Estes conflitos começaram sobretudo como disputas comerciais e, com o tempo, tornaram-se disputas políticas. O resultado foi que, em 2016, a Ucrânia parou as compras diretas do gás russo, e o setor de gás russo perdeu o seu segundo maior mercado de exportação depois da Alemanha. Enquanto isso, as vendas de gás da Rússia para a Europa continuaram, apesar das sanções impostas após a anexação da Crimeia. Em 2022, como resposta à invasão total da Ucrânia, a Alemanha e outros países europeus não impuseram sanções ao gás russo, mas disseram que deixariam de comprá-lo no decorrer dos anos. O governo russo decidiu, talvez na esperança de causar divisão entre os estados europeus, que ele mesmo iria cortar a maior parte das entregas de gás ao continente. A Gazprom, empresa estatal e maior produtora de gás da Rússia, interrompeu as entregas com as quais estava comprometida sob contratos de longo prazo. Em poucas semanas, as relações entre a Gazprom e as grandes empresas energéticas europeias, relações construídas

durante décadas, foram rompidas. Em junho de 2022, a Gazprom reduziu a zero os fluxos através do duto Nord Stream. Assim, quando ele foi explodido em setembro por desconhecidos, fazia três meses que estava sem transportar gás.

Esta “sanção autoimposta” das exportações de gás é a manifestação mais recente e mais significativa da tendência do governo russo de enfraquecer os interesses comerciais do capital russo em prol de seus objetivos nacionalistas e militares ideologizados.

#### *AS INICIATIVAS DAS POTÊNCIAS OCIDENTAIS PARA CONTROLAR, MAS NÃO DESTRUIR, ESTE ESTADO*

**E**mbara a “sanção autoimposta” da Rússia ao gás tenha destruído com bastante eficácia um negócio de exportação que demorou tantos anos para se desenvolver, as sanções das potências ocidentais às exportações russas de petróleo foram, em grande parte, ineficazes. O preço máximo de US\$ 60/barril, estabelecido em dezembro de 2022, resultou no redirecionamento das exportações russas de petróleo para a Índia e outros países asiáticos. Empresas comerciais criaram esquemas para renomear e revender o petróleo russo. Como o preço do petróleo estava alto ano passado, as receitas do orçamento russo também foram extraordinariamente altas. Importa sublinhar que a inefetividade das sanções é, em parte, o resultado de decisões políticas deliberadas.

Quando sanções mais severas foram preparadas, alguns governos europeus sugeriram sancionar os serviços de transporte e seguros sediados no continente, dos quais os exportadores russos de petróleo dependem pesadamente e que não podem ser substituídos

com facilidade. O governo americano interveio para deter tais medidas, porque estava preocupado com que elas elevassem os preços globais do petróleo a um nível que colocaria em perigo a recuperação econômica pós-pandemia.

Outras sanções, como aquelas à exportação de tecnologias variadas para a Rússia, têm sido mais eficazes, mas com um impacto imediato pequeno no fluxo de caixa. As sanções impostas contra os fluxos financeiros também vêm sendo irregulares. Na prática, atualmente é quase impossível aos bancos russos acessarem fundos de mercados internacionais. Mas muitos dos mecanismos de armazenamento e ocultação da riqueza da burguesia russa ainda estão operando. Organizações russas de combate à corrupção continuam produzindo relatórios mensais sobre criminosos de guerra cujos ativos, e membros familiares, permanecem intocados pelas sanções.

A meu ver, a conclusão é que estas sanções são pensadas não para falir o governo russo, nem para impedi-lo de exportar petróleo, mas para limitar sua margem de manobra e discipliná-lo.



## Simon Pirani



**S**imon Pirani. Escritor, historiador e pesquisador de energia. Professor honorário na Escola de Línguas Modernas e Culturas da Durham University. De 2007 a 2021, foi pesquisador sênior no Oxford Institute for Energy Studies, trabalhando no Natural Gas Research Programme. É autor do livro *Burning Up: A Global History of Fossil Fuel Consumption* (Pluto Press, 2018). Sua principal área de pesquisa é a transição energética, com especial referência aos sistemas tecnológicos, sociais e econômicos. Seu trabalho anterior como historiador e pesquisador de energia estava focado na Rússia, Ucrânia e em outros países da antiga União Soviética. Seu livro *The Russian Revolution in Retreat 1920-24: Soviet Workers and the New Communist Elite* (Routledge, 2008) é um estudo sobre a história política da classe trabalhadora. Outro livro, intitulado *Change in Putin's Russia: Power, Money and People* (Pluto Press, 2010), foi baseado no seu trabalho como jornalista.



## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert  
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke  
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas  
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini  
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez  
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho  
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri  
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki  
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios  
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas  
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição  
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores  
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern  
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza  
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana  
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto  
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot  
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley  
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig  
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel  
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine  
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann  
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins  
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva  
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta  
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil  
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson  
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz  
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho  
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz  
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa  
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira  
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden  
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes  
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida  
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelman
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters



- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viggiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani

 UNISINOS